

RELATOS DE EXPERIENCIA



A discriminação racial de crianças e adolescentes negros nas escolas

SILVANI DOS SANTOS VALENTIM*
(organizadora)

“Aos milhares, crianças e jovens negros vão à escola exercer o direito de se educarem. O processo de humilhação e de exclusão a que são submetidos, ao longo do percurso escolar, estarrece qualquer um. Movimentos e Organizações negras avaliam criticamente o referido processo e concluem: isto não é, definitivamente, como por hábito se afirma, um problema dos negros, mas constitui-se em grave problema da sociedade brasileira”.

(Seminário “Educação e Discriminação dos Negros. Belo Horizonte, IRHJP - 27 a 30/06/87).

* Aluna do Curso de Pedagogia da FAE/UFMG - Bolsista do PET - CAPES)
Membro do Grupo de União e Consciência Negra - B. Horizonte (GRUCON) e do Movimento do Graal no Brasil (Movimento Internacional de Mulheres, fundado em 1921, na Holanda, e cuja atuação, no Brasil, tem sido junto a grupos populares.

NOSSOS AGRADECIMENTOS:

À Dilma Alves Rodrigues, Secretária de Educação de Buritizeiro-MG, sobretudo pela solidariedade demonstrada com a causa dos negros.
À Prof^ª Ana Maria Casasanta Peixoto, FAE/UMFG, pela ajuda constante na redação final deste trabalho.

RESUMO

Resultado de discussões sobre a discriminação do adolescente e da criança negra nas escolas, o presente trabalho reúne expressões de uma prática pedagógica que se descobre conspiradora e racista, seja pelo silêncio ou pelo tratamento igual que intenta dar a crianças brancas e negras.

Intencionalmente, não são analisadas de forma isolada as respostas dadas a determinadas perguntas. Procuramos discutir a postura de diretoras, professoras e alunos no cotidiano escolar, tendo como pano de fundo a história e a situação atual dos negros na sociedade brasileira.

Compreendido como momento introdutório, este trabalho faz parte de um processo em que se acena para mudanças no sistema educacional como um todo.

Se "a escola não é tudo, porque muita gente não vai à escola", como afirma um aluno, é instrumento necessário, e nela a história e a cultura negra devem ser conhecidas, respeitadas e valorizadas.

PALAVRAS CHAVE: Negro - Educação
Criança Negra - Educação
Discriminação Racial - Escola.

INTRODUÇÃO

As formas de organização do negro contra o racismo sobreviveram aos diferentes momentos da história brasileira: Quilombo de Palmares-PE (ao longo de quase todo o século XVII), a revolta dos Alfaiates-BA (1798), a Insurreição dos Malês-BA (1835), a Balaiada-MA (1839), o Jornal Clarim da Alvorada e a Frente Negra Brasileira-SP (na década de 30), o teatro experimental do negro-RJ (1944)¹.

No final dos anos 70, o Movimento Negro volta ao cenário político brasileiro, na esteira dos movimentos sociais que se reorganizavam e de outros que surgiam nos espaços de "redemocratização do País". É nesta época (1978) que temos o surgimento do Movimento Negro Unificado-MNU e do Grupo de União e Consciência Negra-GRUCON (1979/1980), que logo se tornaram de expressão nacional. Inúmeros outros grupos surgiram nos anos seguintes, ou se reorganizaram.

A data 20 de novembro² é destacada como momento de luta, reflexão e comemoração (como memória histórica) da organização dos negros contra a discriminação racial e a opressão social, assim como: mobilização da comunidade negra, visando a sua emancipação política, econômica, social e cultural; combate ao racismo, onde quer que se faça presente; denúncia à situação das mulheres negras, discriminadas por sua raça, sexo e condição social; garantia de escolas públicas e

1 - Da carta do GRUCON ao MNU, na comemoração dos seus 10 anos de luta contra o racismo.

2 - Em 20 de novembro de 1695, é assassinado Zumbi dos Palmares, o mais significativo líder da resistência dos negros palmarinos. Situado na região meridional de Pernambuco, que depois veio a formar o Estado de Alagoas, o Quilombo de Palmares começa a se organizar no final do Século XVI. Foi destruído em 1694, pelo governo de Pernambuco, apoiado por senhores de engenho e pela coroa portuguesa, tendo sido necessário um exército mais poderoso que o utilizado na expulsão dos holandeses. O Movimento Negro tem a data de 20 de novembro como dia nacional da consciência negra. (FREITAS, Décio. Palmares - a Guerra dos Escravos).

de boa qualidade, onde os adolescentes e as crianças negras não sejam mais desrespeitados em sua história e valores culturais; combate a toda e qualquer folclorização da cultura afro-brasileira; preservação de manifestações culturais e religiosas como os Afoxés, Congadas, terreiros de Candomblé e Umbanda, os Blocos Negros, as Escolas de Samba, a Capoeira, o Maculelê.

Como forma de estratégia para uma intervenção concreta e localizada na realidade social brasileira, os grupos têm priorizado diferentes bandeiras de luta, destacando sua atuação na análise da situação dos negros em localidades e realidades distintas.

Em Belo Horizonte-MG, O Grupo de União e Consciência Negra começa a se organizar em 1982. Ao longo desses anos, os estudos empreendidos em torno da questão racial, a prática de combate ao racismo e o envolvimento com outros segmentos do movimento social levaram à necessidade de se dar prioridade, entre outras, à análise da situação da criança negra brasileira. Criou-se, portanto, no interior do grupo, uma comissão para tal fim.

O que se tem constatado - a partir do trabalho realizado em alguns estabelecimentos de ensino, é que o racismo contra crianças e adolescentes negros tem-se perpetuado. Essa constatação tem gerado a mobilização.

Além das escolas, outros espaços de trabalho com a criança e o adolescente negro têm surgido, em bairros periféricos e vilas.

EXPERIÊNCIA REALIZADA EM BURITIZEIRO-MG, SOBRE A DISCRIMINAÇÃO RACIAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NEGROS NAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO.

O convite para a realização do trabalho partiu da Secretaria de Educação do município. A coordenação dos trabalhos ficou a cargo de Silvani S. Valentim e Iris J. dos Anjos, tendo participado na qualidade de interlocutores Maria Cristina C. dos Anjos e Katimbo Tshishambo S.J.

O envolvimento com a Educação, os estudos que temos empreendido algumas assessorias já realizadas e a militância no Movimento Negro em B.H. nos levaram a assumir essa programação no município de Buritizeiro, norte de MG, no período de 5 a 9 de junho de 1989.

Ao organizar o trabalho, a preocupação central era introduzir na rede municipal de ensino essa temática. O princípio do qual se partia era o de que alunos, professores e diretores estavam alheios, ainda, a essa discussão, em uma região predominantemente marcada pela presença de negros.

O trabalho foi preparado na perspectiva de envolver diretoras, professoras e alunos(as). Utilizamos recursos didáticos como vídeos, textos, músicas e debates. Atingimos alunos da 7ª, 8ª e do 2º Grau (1º, 2º básico e 3º ano de magistério), professores do Pré-Escolar e da 1ª à 4ª séries do 1º Grau.

Não é de hoje que essa temática vem sendo discutida, haja vista o Seminário realizado no Instituto de Recursos Humanos João Pinheiro-BH, sob o título "EDUCAÇÃO E DISCRIMINAÇÃO DOS NEGROS", de 27 a 30 de outubro de 1987, do qual participaram educadores, estudantes e pesquisadores de todo o Brasil, profundamente comprometidos com essa causa e participantes dessa luta, assim como militantes do Movimento Negro.

A importância dessa temática pode ser avaliada a partir de afirmações como estas:

"Dados estatísticos comprovam que, em SP, 97% das crianças negras que procuram a escola pública lá não permanecem, em média, por mais de 2 anos". (SILVA, 1988.p.65).

"Pelos nossos anos de experiência, temos observado e constatado que as crianças negras, em sua maioria, têm muita dificuldade em fixar conhecimentos e menos capacidade de raciocínio, no entanto, mostram muita habilidade para as artes (música, esportes e trabalhos manuais). O motivo da sua não permanência na escola (de acordo com o censo de 1980) talvez esteja ligado à falta de interesse por coisas que estejam além de sua capacidade (esforço inútil), problemas econômicos. Não cremos que seja discriminação racial", (citado por SILVA, 1988.p.65).

(Escola de 1º Grau de Mogimirim, SP)

(Percy da Silva, GTAAB, SEC. EDUCAÇÃO de SP).

Fatos como estes (poderíamos citar muitos outros) fazem com que negras e negros - pertencentes a Movimentos Negros ou não - se mobilizem, sobretudo quando eles são profissionais e/ou estudantes na área de Educação.

Hoje, depois de 101 anos de "abolição", os negros ainda são vistos pelos brancos como incapazes de fixar conhecimentos e com menos capacidade de raciocínio, sendo excelentes para trabalhos manuais e para as artes. Que os negros são criativos, têm ritmo musical e se distinguem no futebol é uma verdade de que muito nos orgulhamos, mas a afirmação de que somos incompetentes e incapazes para o trabalho intelectual é uma afronta, à qual iremos responder, na luta pela ascensão, dignidade e cidadania do povo negro.

Nós entendemos que o Estado de Minas Gerais precisa avançar em relação a essa temática, a exemplo de outros Estados. Acreditamos que a discussão em torno da educação do adolescente e da criança negra constitui momento importante na tomada de consciência da realidade educacional deste País.

A cultura afro-brasileira precisa ser conhecida e valorizada nas escolas, para que adolescentes e crianças negras possam tornar-se, no futuro, homens e mulheres que conhecem a sua história e têm orgulho de sua raça. É preciso que a criança negra se eduque negra. Esta é uma luta pelo exercício pleno da cidadania, que tanto tem custado às classes empobrecidas e, de modo especial, à população negra.



ENCONTRO COM DIRETORAS

No primeiro dia nos reunimos com as diretoras. Nossa proposta de trabalho foi apresentada. No final da semana, deveríamos voltar a nos encontrar, tendo a presença de um representante de cada grupo, com o qual faríamos os trabalhos. No momento da discussão, as diretoras foram unânimes em afirmar que a situação dos negros era determinada por sua condição social que se sobrepunha à racial.

"Em nossas escolas, a criança pode ser negra, mas se tiver uma melhor condição financeira, a professora esquece a cor de sua pele e que seus cabelos são enroladinhos".
(fala de uma diretora)

Essa visão da situação econômico-social como determinante do preconceito racial no Brasil tem tido ressonância em diversos setores da sociedade. Essa crença na integração do negro na sociedade a partir de sua gradativa ascensão social é negada pela própria situação em que se encontram os descendentes dos escravos. A abolição da escravatura e o desenvolvimento industrial do País não modificaram de forma significativa, a realidade de 70% da população brasileira, que é negra (incluimos os chamados pardos, mulatos e morenos escuros).

Em um segundo momento, procuramos demonstrar, através de uma pirâmide representativa das classes sociais no Brasil (que poderá ser visualizada no relato do trabalho feito com as professoras), que os negros estão, em massa, presentes na base e têm pouca mobilidade social. O passado de escravidão também explica essa posição social, uma vez que o negro não teve acesso à escola e estava à margem da sociedade, que, sendo escravocrata e racista, não via o negro como ser humano. A Constituição de 1824 proibia de frequentar as escolas os leprosos e os negros.

No caso da escolaridade, é entre os negros que se encontra o maior índice de analfabetismo. Entre crianças negras, o número de evasões em muito se diferencia da que ocorre com crianças brancas com igual poder aquisitivo.

Citamos um exemplo:

"De acordo com o censo de 1980, em São Paulo, as crianças brancas das classes menos favorecidas têm em média cinco anos de escolaridade, enquanto as crianças negras, pertencentes às mesmas classes, ficam na escola menos de 3 anos".
(SILVA, 1988.p.66).

Observa-se que a criança branca discrimina a criança negra, ainda que ambas pertençam à mesma classe social, ou seja, morem na mesma periferia ou zona rural, favela ou alagado.

À partir dessas colocações, iniciou-se um debate em que foi possível captar algumas mudanças a respeito do negro e de sua situação.

"A gente discrimina sem perceber, a gente silencia. É preciso admitir".
(fala de uma diretora)

Para estimular a discussão, apresentamos o depoimento de um aluno de Tupã-SP.

"Em uma sala de aula (no primeiro dia de aula), a professora precisou sair. Falou para as crianças se comunicarem, se conhecerem melhor, conversarem com o amiguinho de trás,

com o da frente. Um aluno olhou para a professora e falou:
- Eu vou conversar com essa pretinha aí de trás? E a professora ficou desarmada, sem saber o que falar.”
(depoimento de um aluno. Tupã-SP)

Desse depoimento, destacamos uma frase:

“E a professora ficou desarmada, sem saber o que falar”

Esta frase nos remeteu à seguinte reflexão:

É difícil falar quando se deseja esconder as diferenças. Em situações como essa, o professor depara, de fato, com seu próprio racismo, sutil, mascarado, silencioso, conspirador.

“A professora não sabe o que falar”!

A supervisora e a orientadora não sabem o que falar!
A diretora não sabe o que falar!
Até quando???

TRABALHO COM PROFESSORAS DE PRÉ-ESCOLAR, da 1ª a 4ª séries do 1º Grau

Começamos ouvindo as professoras a respeito da realidade cotidiana da escola. Como eram os alunos, como se relacionavam entre si, e qual a visão que elas tinham, a respeito da discriminação da criança e do adolescente negro nas escolas, qual era a sua prática pedagógica.

As opiniões se dividiam. A maioria afirmava ser um problema social. Bastava que a criança negra tivesse uma situação econômica satisfatória, para que fosse bem atendida e não discriminada racialmente.

Em alguns debates, havia professoras negras que afirmavam serem elas próprias discriminadas por serem negras.

“Se eu fosse branca, me achariam bonita”.

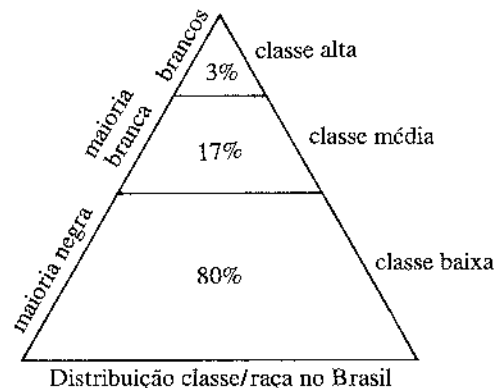
Afirmavam que, com os alunos negros, era ainda pior. A discriminação racial se manifestava de forma bastante sutil.

“Os brancos pensam que nós somos bobos. Nas escolas, professoras brancas chegam a olhar para nós, professoras negras com cara diferente. Imagine o que a criança negra não sofre”.

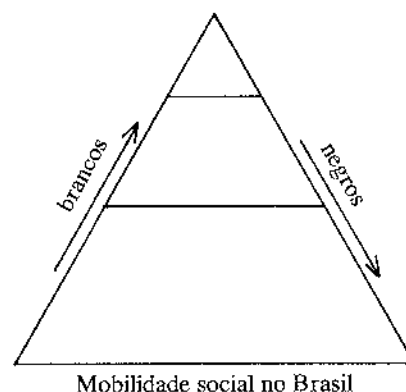
Utilizamos a demonstração das classes sociais no Brasil³, a exemplo do trabalho com as diretoras, objetivando denunciar a situação de pobreza da maioria da população e a discriminação racial, que se apresenta, ora de uma forma, ora de outra, em todas as esferas do social, tornando-se mais marcante quando à raça se somam a condição social e a sexual.

3 - Do ponto de vista econômico e social, sabemos que essa representação piramidal da sociedade brasileira é bastante limitada, mas, para o que desejávamos, acreditamos ter servido. Baseamo-nos em dados do “Projeto Negro/IBASE”. Negros no Brasil. Dados da Realidade. Vozes - IBASE. Rio de Janeiro, 1989.

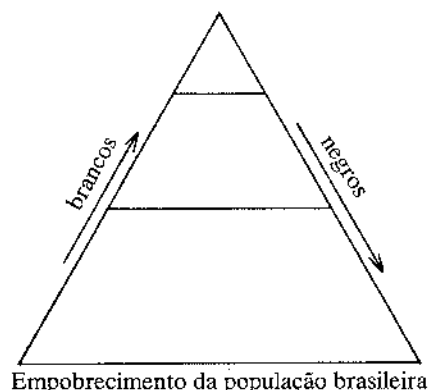
1 - A população negra está, em sua maioria, presente na classe baixa. São pouquíssimos os que chegam ao Ensino Superior. Do total de jovens que chegam à Universidade, 1% constitui-se de negros. O trabalho braçal e os piores salários são destinados aos negros, enquanto brancos pertencentes à mesma classe social conseguem melhores posições e, conseqüentemente, melhores salários. Em todas as classes sociais, constata-se o racismo, mas a pobreza que atinge a maioria dos negros os marca com a dupla discriminação.



2 - A ascensão ocorre, na maioria dos casos, com os brancos. Aos negros é negado o acesso a determinados cargos



3 - Esta terceira representação procurou demonstrar que o empobrecimento da população tem crescido de forma assustadora. O problema racial tende a se diluir no social. Apresenta-se, assim, mascarada e buscando justificar-se a discriminação racial que sofrem os negros.



Discutimos, logo depois, as "3 LIÇÕES" que o negro aprende ao deparar com o sistema educacional.

1 - A LIÇÃO DO ABANDONO

Do número de analfabetos no Brasil, sabemos que a maioria é negra. Ao deparar com a sociedade letrada, o negro não analfabetizado sente-se abandonado à própria sorte. Muitos não possuem sequer documentos. Quando precisam assinar, têm de "borrar" o dedo, não podem ler jornais, letrados ou nome de ruas. Muitos acreditam que nasceram mesmo para fazer trabalhos que não exijam esforço mental.

2 - A LIÇÃO DO FRACASSO

Outros negros conseguem concluir o 1º Grau, muito são excluídos antes. Poucos são os que chegam ao 2º Grau. O mercado de trabalho os absorve precocemente, é necessário vender a força de trabalho em troca de baixos salários e enfrentar o subemprego.

Há, por parte destes, a sensação de terem fracassado. Acreditam que se devem punir, já que receberam merenda e outras "compensações", e não conseguiram aprender o que lhes era ensinado. Fica uma sensação de incompetência.

É como fracassados que esses jovens saem do sistema escolar, e como fracassados ingressarão no mercado de trabalho.

3 - A LIÇÃO DO RACISMO

Os poucos que concluem o 2º Grau e chegam ao Ensino Superior já receberam a lição do racismo. A sua cultura negra

foi folclorizada. A história de seu povo não foi contada de forma verdadeira e respeitosa, sua raça foi ridicularizada e menosprezada, aparecendo nos livros didáticos em situações de inferioridade. São cerca de 16 anos de estudos (sem falarmos nas repetências), e o negro, enquanto raça, não se faz presente.

Duas atitudes são tomadas por esses negros:

a) virar as costas para a comunidade negra, negar a sua raça, embranquecer-se. A dor causada pela discriminação fará com que a lição do racismo se apresente de forma contundente sob esses três aspectos. No nível acadêmico, esses negros se envolverão com estudos e trabalhos naquelas áreas onde não seja necessário mexer na dolorosa ferida. Negarão com veemência que sofrem discriminação e olharão com "olhos de branco" para outros negros;

b) outros, mesmo com todas as dores e traumas que a lição do racismo causa, fortalecem-se e refazem-se (de modo especial, quando atuam em Movimentos Negros); é como se ressuscitassem da dor. Ao contrário dos primeiros, vão ao encontro da comunidade negra. Planejam estudos, pesquisas, debates. Setores significativos do Movimento Negro são compostos por esses negros, que, na militância e no trabalho, denunciam e exigem respeito aos valores culturais negros.

Em um segundo momento, as professoras trabalharam em grupos com dois textos:

"Uana e marrom de terra e a redação de Maria Cláudia"

UANA E MARROM DE TERRA *

Uana despedaçou o papel de presente com tal energia e alegria que o pai e a mãe sorriram talvez pela primeira vez nesta semana. Mas um dia e ela voltaria para casa. Saranço dos brabos este que tinha atacado a menina. Tão brabo que nos primeiros dias teve que ficar isolada num quarto junto com o hospital. Agora se recuperava num quarto grande junto com outras crianças. O meio tinha sido enorme. Era a primeira vez que ficava fora de casa, sozinha. Os pais só podiam entrar um pouquinho, na hora da visita. Ficavam olhando pra cara dela, com pena, os olhos marejados de lágrimas. Uana ficava até arrepiada de pavor: lembrava o jeito que as pessoas tinham olhado pela última vez pro Marcelo, seu primo, morto atropelado por um caminhão há uns dois anos atrás. Será que ela ia morrer também? Não teve coragem de perguntar para a mãe. Perguntou para a enfermeira do dia: uma mulher enorme que não sorria nunca, mais parecendo um robô fantasiado de enfermeira. A grandalhão olhou bem pra menina e disse: "Sarampo não é moleza não. Se não obedecer direitinho é bem capaz de virar anjinho... ou quem sabe um diabinho, pois anjinho preto eu nunca vi." Resolveu perguntar para a enfermeira da noite que tinha mais jeito de gente. A moça, que já ia saindo do quarto, parou, voltou senão na cama de Uana e disse: "É essa força que eu posso ver no frêtilo destes teus olhos de jabuticaba? Será que ela não tem mais nada pra fazer nesse nosso mundo? Pôe essa força pra trabalhar menina!" Foi a primeira noite que Uana dormiu bem desde que tinha entrado no hospital. No dia seguinte, estava fora de perigo e começou a se recuperar rapidamente.

A menina acabou de rasgar o papel, arregalou os dois olhos e ficou olhando o presente, sem saber bem o que estava sentindo. Vocês adivinharam: era uma boneca. Uma boneca assim: olhos bem pretos, como duas jabuticabas, igualzinho aos olhos de Uana; cabelo escuro, bem carolinado, igualzinho ao cabelo de Uana; pele bem marrom e brilhante, igualzinha a pele de Uana (sem sarampo, lógico!). Uana nunca tinha tido uma boneca assim, parecida com ela. Ficou confusa. Será que achava bonita ou feia aquela nova boneca?

A hora da visita acabou, os pais beijaram Uana, prometeram vir buscá-la bem cedinho no dia seguinte e foram embora. A menina mais que depressa escondeu sua boneca embaixo do lençol, disfarçou, tentou brincar com outras coisas mas sua cabeça não parava de pensar: "Não vou poder levar essa boneca na escola. Vou ficar gozando da minha cara, vão chamar de boneca de piche que nem fizeram com a boneca de pano, bem pretinha, que a Rosa levou. Pior ainda, só vão deixar minha boneca ser a empregada na brincadeira de casinha. Nunca vão deixar ser a mãe, ou a filha ou a vó. Quanto mais Uana

pensava, mais ficava com raiva: "Por que minha boneca só pode ser empregada, hein? "Por que não pode ser também mãe ou filha ou prima ou tia, hein?" Foi com cara de briga e falando sozinha que a enfermeira da noite encontrou Uana, ao entrar no quarto: "Calma Uana, você já está quase boa. Amanhã vai para casa e mais uns três dias já pode ir na escola".

Uana esperou apagar a luz e entrou debaixo do lençol. A claridade que entrava pela janela foi suficiente para perceber que sua boneca tinha mudado o penteado e a roupa. Usava agora um cabelo cheio de tranças e um vestido comprido cheio de desenhos geométricos.

- Eu ia passar cândida em você mas agora... não sei não. Você tá toda bonita, enfeitada, parece que vai no baile.

- Ache bom mesmo não passar - respondeu a boneca.

- Ou você tá querendo que eu fique com cura de fantasia de barata descascada? E depois, fique sabendo que bonita eu sempre fui, enfeitada ou desenfeitada!

- Tá doído! Nunca vi boneca mais mal-educada.

- E não é pra ser? Você me escondo embaixo do lençol, morre de vergonha, não sabe se me acha bonita ou feia... pois vem aqui pertinho que vou te contar uma estória...

No dia seguinte, com cara de sono, mas feliz, Uana foi para casa com os pais, carregando orgulhosamente sua boneca. Três dias depois, entrando na escola com a boneca no colo, foi logo convidando os amigos pra brincar.

- Só que hoje, minha boneca é uma princesa: uma princesa africana, chamada Marrom de Terra. Quem quer brincar?

Teve quem não quis e arrumou logo outra brincadeira.

Mas teve menina querendo ser Branca de Neve e teve menino querendo ser príncipe e teve menina querendo ser bruxa e teve menino querendo ser guerreiro. E quem brincou ficou conhecendo a estória da Marrom de Terra, uma princesa muito antiga, talvez mais antiga que a Branca de Neve mas que só agora está começando a contar sua estória por aí...

Querem saber como começa essa estória?

"Era uma vez, há muitos e muitos anos atrás, numa pequena aldeia da África, um povo que vivia unido e feliz.

O chefe da aldeia tinha uma filha que além de linda e bondosa, tinha sido abençoada pelos orixás com mais um precioso dom: o de conversar com a terra. A terra lhe ouvia, não ficava seca nem encharcada e assim, as colheitas eram abundantes e o povo da aldeia nunca passava fome. Por isso e também por sua pele marrom e brilhante como a terra depois da chuva, chamavam-na de Marrom de Terra. Até que um dia..."

* - Publicado por: Grupo de Trabalhos para Assuntos Afro-Brasileiros. Salve 13 de maio? São Paulo Secretaria de Educação. 1988.

Lia Zatz
ESCRITORA, ESPECIALIZADA EM LITERATURA INFANTIL, PUBLICOU "SURILÉA - MÃE-MONSTRINHA".

A REDAÇÃO DA MARIA CLÁUDIA *

Eu resolvi mostrar para vocês uma redação feita pela Maria Cláudia. Maria Cláudia ainda não fez nove anos. Não vou nem comentar. Vocês pensem sobre o assunto e comentem, se quiserem:

Os brancos são muito diferentes dos negros. Mas depende do branco e depende do negro.

Na minha caixa de lápis de cor, o branco não serve para nada. Só o preto é que serve para desenhar. Por isso, os dois são muito diferentes.

Tem o giz e tem o carvão. Eles são iguais. Os dois servem para desenhar. Com o giz, a gente desenha na lousa. Com o carvão, a gente desenha um bigode na cara do Paulinho para a festa de São João.

Nesse negócio de música, não tem branco. Só tem preto.

Todos os discos que eu conheço são pretos. Nunca vi um disco branco.

O papel é branco e é igualzinho ao papel preto chamado carbono que escreve em baixo tudo o que a gente escreve em cima.

A noite é preta mas o dia é não branco. O dia é azul.

Então o preto da noite é só da noite. Não é igual nem é diferente de nada.

O leite é branco e o café é preto. De café eu não gosto.

Também não gosto do leite, quando ele está branco.

Prefiro misturar com chocolate. E aí o leite fica marrom.

Marrom como a minha amiga Patrícia. Outro dia me disseram que a Patrícia é negra, mas ela é marrom. Eu estou com raiva dela porque ela tirou uma nota melhor do que eu na prova de Matemática. Mas eu não quero ser diferente dela. Vou estudar bastante. Na próxima prova, eu e ela vamos ficar iguais.

As professoras trabalham a partir de duas perguntas:

- 1) O que de mais importante contém estes textos?
- 2) Qual a contribuição que eles dão para o trabalho em sala de aula?

A pergunta "1" suscitou o testemunho das professoras e a auto-avaliação.

A partir da "REDAÇÃO DE MARIA CLÁUDIA"

É verdade que há diferenças; a redação de Maria Cláudia mostra que brancos e negros são diferentes. Nós queremos igualar as crianças em sala de aula, mas eles são diferentes e têm valores também diferentes, nós muitas vezes valorizamos mais as crianças brancas

"Inconscientemente nós somos racistas".

"Cada cor é importante e tem seu jeito de ser".

"Maria Cláudia quer mostrar a igualdade".

* Publicada por: Grupo de Trabalho para Assuntos Afro-Brasileiros. *Salve 13 de maio?* São Paulo Secretaria de Educação, 1988.

Pedro Bandeira
ESCRITOR, UM DOS CAMPEÕES DE VENDA DE LIVROS INFANTIS, PUBLICOU, ENTRE VÁRIOS OUTROS LIVROS. "É PROIBIDO MIAR".

"A menina discrimina no sentido de diferenciar, não no sentido de dar tratamento inferior. Ela comparou".

"Uma cor sempre depende da outra. Cada qual com sua função".

"A redação demonstra a utilidade de cada coisa. Muitas vezes a cor branca não tem utilidade, em outras é a preta, e vice-versa".

A partir do Texto "UANA E MARROM DE TERRA":

"A professora deve ter cuidado ao dar resposta a um aluno, não podemos ser como a enfermeira que parecia um robô, temos que despertar na criança a autoconfiança".

"Quando os negros vão em busca de suas raízes, há sempre alguma coisa para contar".

"Uana escondeu a sua própria identidade quando escondeu a boneca preta".

"Hoje em dia uns aceitam ser pretos e outros não".

"A menina viu que a boneca tinha valor".

"A menina em um primeiro momento não aceitou a cor negra".

"A boneca foi um artifício para a menina se aceitar".

"Em algum lugar do mundo o negro tem valor".

"De modo geral, quase ninguém compra boneca preta para os filhos. As crianças gostam de boneca branca e não de boneca preta".

Ao final da discussão com as professoras, percebemos que, ao menos no nível teórico, havia uma tomada de consciência a respeito da situação do adolescente e da criança negra nas escolas, assim como algumas propostas já iam sendo feitas, para o trabalho em sala de aula:

- * Utilizar brinquedos negros (bonecas, por exemplo).
- * Trabalhar com as crianças a verdadeira história do negro - os livros didáticos precisam apresentar subsídios para que se discuta a questão do negro.
- * Explorar a questão do negro através de poesias, artesanato, dramatizações.
- * É preciso modificar o livro didático. Ele passa muitos preconceitos.
- * É preciso continuar este trabalho nas escolas.
- * O currículo é falho; precisa ser modificado.
- * Trabalhar, em sala de aula, histórias a partir da África.

TRABALHO COM O 3º ANO DE MAGISTÉRIO

Iniciar uma discussão com alunos(as) do 3º ano do Magistério sobre uma questão tão polêmica como a discriminação racial nos pareceu muito significativo - em futuro próximo, eles serão professores(as) de crianças, em sua maioria negras.

Antes de iniciar a discussão sobre o negro, levantamos, com os alunos, algumas questões sobre a problemática social e educacional do País.

A Educação no Brasil, neste momento, reflete claramente toda a problemática enfrentada pela nossa sociedade: existe uma política de desrespeito para com o trabalhador brasileiro; uma pequena minoria dominante se enriquece a sua custa, o que tem acarretado, para a maioria da população, a fome, a miséria, a marginalização social. Milhares de crianças vão para a escola porque lá têm merenda; o professor trabalha pela manhã, à tarde e à noite, para não morrer de fome.

É necessário que o atual estudante de Magistério esteja a par dos problemas enfrentados pela Educação neste País, por-

que acreditamos ser este o primeiro passo para a realização de mudanças. É o que diz Rubinho do Vale, em sua música "Um amigo poeta" (música cantada por nós antes de iniciarmos a discussão) - "Acho que temos ainda o dom da emoção e a força da palavra..." E, como afirma Paulo Freire: *educar é um ato político*. Se o professor, ou melhor, o educador vê, no exercício do magistério, no ato de educar, a possibilidade de realizar mudanças, isso certamente acontecerá se para tanto houver empenho.

Em seguida, passamos ao tema de discussão daquela noite.

Como ponto de partida, utilizamos dois recursos: um vídeo produzido em São Paulo - "Mulheres Negras" - que é especificamente depoimento de mulheres negras e um texto "Muita Vontade de aprender", tirado do livro "Morro Mulher", focalizando depoimentos de mulheres das favelas Rocinha e Santa Marta, no Rio de Janeiro.

MUITA VONTADE DE APRENDER *

Sheila

Eu tinha muita vontade de aprender. Mas minha letra era muito feia. Meu caderno ficava sujo. Queria ter o caderno limpinho. Eu comprava outro caderno. Chegava em casa e passava meus deveres todos a limpo pra ver se ficava como os outros. Mas não conseguia. Porque na mesma hora que eu estava fazendo os deveres, eu estava olhando as crianças. Não dava uma semana, já tava tudo sujo de novo.

Sendo a filha mais velha, eu tinha que fazer todos os trabalhos dentro de casa. Minha mãe me deixava maluca. "já limpou a cozinha?" Eu corria para limpar a cozinha, ela chamava: "A sala tá suja!" Eu corria para limpar a sala. Daqui a pouco: "Você já estendeu a cama?" Eu corria para o quarto. Não dava tempo de fazer o dever. Tinha que fazer correndo. E sempre tinha uma criança que vinha e botava a mão suja.

Até a professora às vezes falava: "Não gosto de pegar nesse caderno todo esfarrapado". E não pegava.

Eu tinha problema de vista. A professora mandava minha mãe me levar ao oculista, mas ela estava sempre esperando nenê e não podia me levar.

Aprendia na escola e quando chegava em casa esquecia tudinho. Eu lia, lia pra ver se ficava na memória, mas quando chegava a prova, eu esquecia tudo.

Eu não podia enxergar o quadro verde. Eu não podia sentar na frente, porque ninguém queria sentar perto de mim. Então ficava lá atrás sem enxergar. Eu ouvia a professora explicar, mas quando chegava em casa esquecia tudo.

Na hora do recreio, ninguém brincava comigo porque eu tava sempre amarrotada. Eu sentia muito. Algumas meninas me davam roupa para eu ir à escola direitinho. Mas éramos muitas crianças para ir à escola. Eu tinha que dividir tudo com os outros. O meu irmão, porque era o mais velho e me batia, sempre queria ficar com as coisas melhores. Ele me dava a blusa velha e ficava com a nova que eu ganhava na escola.

Um dia meu pai ganhou um sapato. Ele trouxe para casa todo contente: "Olha aqui um sapato bom pra você. Não vai acabar tão cedo". Mas era um sapato dessas pessoas aleijadas, todo amarrado de cadarço. Eu ia pra escola sem graça. Era muito magrinha e com aquele sapafão todo mundo me chamava de "aleijada".

Naquele tempo as crianças traziam as coisas pra escola nas bolsinhas que as mães faziam ou em saquinhos de arroz. Meu pai pensava em fazer uma coisa melhor para mim. Fez uma mala de pau. Botou dobradiça, fechadura, alça, tudo direitinho. Pintou de amarelo e botou um um decalque. "Pronto. Agora voce está com uma mala pro resto da vida".

Ninguém da escola tinha mala de madeira. Todo mundo mexia comingo. Me chamavam "sapato aleijado, mala de madeira". Eu me sentia muito diferente dos outros na escola.

A professora acabou ficando com pena de mim e me botou na Escola Joaquim Nabuco. Antigamente, as crianças do morro não podiam freqüentar a Joaquim Nabuco, só a Escola México. Me botaram numa turma atrasada. Mas todo mundo lá começou a falar: "Essa menina é da Santa Marta". Ficaram com medo porque eu era do morro.

Na Joaquim Nabuco tinha uma turma de Vila Rica, de Copacabana. Eles se juntaram a mim. Mas era pra fazer bagunça, pra brigar na rua. A essa altura eu já não aprendia mesmo. Fiquei na turma dos bagunceiros só por causa do nome do morro. A gente jogava bolinha e gaiota de papel.

Minha mãe não ia em reunião nenhuma. Na escola ficavam chamando ela para poder explicar e mandar me levar ao médico. Ela não ia: "Eu não vou lá na escola não. Eles vão ensinar como criar crianças? Eu tenho 13 filhos. Eu sei criar crianças. Não tenho tempo pra ficar pra lá e pra cá, para eles me ficar falando besteiras".

Um dia a professora mandou chamar minha mãe, se não viesse eu não podia entrar mais. Mas naquele mesmo dia a mãe de minha amiga Catarina morreu. Eu faltei aula para ir no enterro com a Catarina. A gente passou na escola para avisar, chorando.

No outro dia, eu pensei, se a mãe da menina morreu, porque a minha também não pode morrer? Chegamos nós duas na escola, chorando: "Ai, minha mãe morreu"! Como viram a gente indo para o enterro no dia antes, acreditaram. Assim, voltei a entrar na escola sem a minha mãe precisar ir lá. Depois que todo mundo passava de ano eu não passava eu não tinha mais vontade de aprender. Eu não ficava dentro da sala de aula. Eu lavava louça, carregava coisas para a dona da escola. Estudei 7 anos, mas nunca passei do 2º ano. Me botaram para bordar, tecer, fazer crochê. Eu nunca faltava um dia de escola. Mas nunca aprendi nada. Depois que eu cresci e fui ao médico com meu menino, fiquei sabendo do médico que era por causa da alimentação e vários problemas dentro de casa que não me deixavam adaptar na escola.

* O'GORMAN, FRANCES. Morro Mulher. Depoimentos de mulheres da Rocinha e da Santa Marta. Rio de Janeiro.

Os alunos se dividiram em pequenos grupos e destacaram pontos importantes do texto.

* Muito significativo é o próprio título do texto: "Muita Vontade de Aprender". É preciso que os pobres tenham muita vontade de aprender. A condição social e familiar de Sheila exigia que ela realmente tivesse muita vontade de aprender, do contrário não aprenderia nada. Mesmo assim ela aprendeu pouco.

* "... Queria ter os cadernos limpinhos". Sheila queria ser como as outras crianças, queria que a professora pegasse em seu caderno. A professora não entendia e nem conhecia a sua realidade familiar.

* "Depois que todo mundo passava de ano e eu não passava, eu não tinha mais vontade de aprender". A própria escola é que exclui as crianças, chega um momento, como este de Sheila em que não dá mais, o jeito é fazer outras coisas na vida.

* "No outro dia eu pensei, se a mãe da menina morreu, porque a minha não podia morrer?" Sheila encontrou saída para sua permanência na escola. Ela queria ficar na escola. Alguma coisa na escola devia ser bom para ela.

Um dos alunos formulou a seguinte questão, que foi remetida para todo o grupo:

Será que temos condições de lidar com crianças pobres e negras?

Chegamos às seguintes conclusões:

As classes populares precisam da escola e querem nela permanecer. O próprio sistema educacional é que as exclui. Há uma distância muito grande entre a realidade da criança e aquilo que a escola propõe. A clientela da escola pública é composta basicamente por negros e pobres, ou, mais precisamente, negros pobres. É necessário que a escola pública assumira essa realidade.

Os professores não estão sendo preparados, de forma sistemática, para lidar com a pobreza e com a negritude, ainda que eles próprios o sejam em grande número. Os professores acreditam estar bem intencionados ao afirmarem que as crianças são "todas iguais", e discriminam não pelo que fazem ou falam, mas pelo que deixam de fazer e falar, pelo que silenciam.

É preciso que se aproxime o dia em que as crianças negras encontrem, na escola, e aprendam, na escola, algo mais que lições de racismo e não sejam tão estigmatizadas e desrespeitadas em sua cultura.

*("O Exercício do magistério é uma contínua reflexão")
(fala de uma aluna).*



TRABALHO REALIZADO COM 7ª e 8ª SÉRIES, 1º BÁSICO E 2º ANO DE MAGISTÉRIO

Pela nossa própria experiência, como negras, tivemos um certo cuidado para iniciar essa discussão. Falar da situação do negro numa sociedade racista é algo muito difícil. Existem muitas dores acumuladas!

"Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é"
(Caetano Veloso)

Em algumas turmas, havia muitos adolescentes. Acharmos que esse primeiro momento seria o de "levantar a poeira". Muitos olhos arderam e até lacrimejaram.

Só o próprio negro consegue definir verdadeiramente a dor da rejeição, da discriminação.

A dinâmica utilizada foi basicamente a mesma. Para estimular a discussão, utilizamos os seguintes recursos:

- A música, com instrumentos como: tantã, batoque, violão, pandeiro.

- 2 vídeos (variando de acordo com a turma): "Mulheres Negras" e "Os negros Querem Falar", produzidos pelo SSV (Sistema Salesiano de Vídeos).

Uma das músicas cantadas falava de Zumbi dos Palmares e uma aluna deu este depoimento:

Eu aprendi que Zumbi era um bicho; quando a mãe da gente queria passar um susto, dizia: - Olha, Zumbi vai te pegar!"

Assistimos aos vídeos, que nos possibilitaram refletir melhor sobre a questão específica da discriminação da mulher negra e sobre a situação do povo negro de modo geral. Faremos uma reflexão a partir da fala dos alunos:

"Existe discriminação na escola. Eu sou discriminada"

O depoimento dessa aluna, dado com tanta firmeza, comoveu-nos. A criança, o adolescente, o jovem negro na escola percebem que, em apenas alguns momentos, fala-se do negro. E isto é feito de maneira tão distanciada, como se o mesmo não tivesse sido trazido para o Brasil e sofrido 360 anos de escravidão. Há, também, o silêncio que se faz a respeito dos heróis, da cultura, da verdadeira história do negro. Talvez seja por isso que um aluno negro tenha dado este depoimento:

"Não estamos gostando das aulas"

Se observarmos os dados estatísticos, veremos que o povo negro, em sua maioria, cursou apenas as primeiras séries do 1º Grau, e é entre estes que está o maior número de analfabetos. São raros os que conseguem chegar às Universidades. Os negros exercem basicamente atividades mal remuneradas, como: faxineiro, servente, empregadas domésticas, porteiros e outros. Se não estamos atentos à realidade, podemos pensar que:

"A pessoa é marginalizada porque não lutou pelo ideal dela"
(depoimento de um aluno)

Acreditamos que isso não é verdadeiro. O negro, na sociedade brasileira, precisa ser muito forte para conseguir realizar os seus sonhos, se é que eles ainda existem. Se é que ainda não foram destruídos!

"A pessoa muitas vezes não se honra de ser negro"
(depoimento de um aluno)

Sabemos que, quando o negro passa a enxergar as suas próprias características como algo feio, sem valor: quando acredita que seus cabelos devem ser alisados, para ficar "bonito", semelhantes ao cabelo do branco, é sinal de que ele tem marcas bastante profundas e por isso age assim. Discutimos, ainda, que os meios de comunicação, como a televisão, por exemplo, em nada contribuem para que esse quadro se altere. A beleza negra não é retratada. Negro é reservado para as páginas de esporte, para os noticiários de crimes e assaltos, onde ele é, quase sempre, o personagem principal.

"O negro será marginalizado sempre. Não há esperanças para o negro".
(depoimento de um aluno)

Acreditamos que a esperança sempre existiu, presente nos quilombos e em todas as revoltas - sinal de resistência do povo negro.

O depoimento a seguir, dado por uma aluna, reflete toda a esperança do povo negro de viver em uma sociedade como a de Palmares:

"A vitória não virá agora, mas existe um caminho, basta que as pessoas se conscientizem".

DA ESPERANÇA QUE TEMOS...

Como estava previsto, encerramos os trabalhos com uma avaliação da semana e o encaminhamento de propostas.

- 1) Buscar uma educação para o próprio negro, para que ele ocupe o seu espaço.
- 2) Estudar a história e a situação do continente africano, para que os negros no Brasil percebam o seu valor.
- 3) Fundar um grupo para estudar a história do negro; fazer pesquisas sobre outros problemas que a sociedade enfrenta; repassar os estudos para escolas, associações, etc.
- 4) Promover modificações no currículo, com espaço para o estudo da cultura e dos valores negros.
- 5) Ter cuidado no momento de trabalhar com o livro didático.
- 6) Fazer atividades em sala de aula que dignifiquem os negros.
- 7) Fazer visitas familiares; conhecer outros grupos.
- 8) Discutir a questão da mulher: saúde, prostituição...

Foi realizada mais uma reunião, no dia 30/06/89, na Escola Boaventura Correia de Mello, BURITIZEIRO-MG, com a participação dos representantes dos grupos e outros convidados, objetivando:

- * discutir o relatório dessa semana de trabalhos sobre a educação de crianças e adolescentes negros;
- * planejar as formas de continuação, assim como meios de concretizar as outras propostas.

"A escola não é tudo! Muita gente não vai à escola".
(aluno do 1º Grau).

AO LONGO DO PROCESSO

Outros momentos de encontro e reflexão têm acontecido em Buritizeiro, dando prosseguimento aos trabalhos de 05 a 09 de junho*.

Em Belo Horizonte, formamos, recentemente, uma equipe (com profissionais do ensino e estudantes da área de Educação), para aprofundar a situação da criança e do adolescente negro nas escolas.

* Estamos nos preparando para prestar assessoria a outros grupos que estejam iniciando sua organização e/ou que desejem fazer aprofundamentos sobre a situação histórica e atual do negro brasileiro.

Formado de poucas pessoas, o grupo tem amadurecido e avançado nas discussões acerca da discriminação racial. Temos caminhado na direção da compreensão da realidade dos negros da cidade de Buritizeiro, a partir de aprofundamentos no interior do próprio grupo, da postura pessoal de cada um e da forma como são entendidas as práticas racistas.

Estão sendo feitas entrevistas com crianças, jovens e adultos (brancos e negros), para que possamos organizar, ainda que limitados por dados de amostra, um quadro exemplificador da realidade.

Em uma terceira etapa, iniciaremos estudos da História e da realidade social atual dos negros, em nível nacional.

Muito há que ser feito para desfolclorizar, desmitificar e reconstruir a história do povo negro, que em tudo contribuiu para a construção do Brasil e de nada participou. Essa não participação, ainda hoje, impede a segunda maior população negra do mundo - sendo apenas superada pela da Nigéria, na África - de ter, no Brasil, uma efetiva participação política, educacional, religiosa, cultural, social e econômica, e que se expresse em termos de plena cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- EDUCAÇÃO e discriminação dos negros. Belo Horizonte: Instituto de Recursos Humanos João Pinheiro, 1988. 122p. Bibliografia: p.123-135.
- O'GORMAN, France. *Morro Mulher: depoimento das mulheres da Rocinha e da Santa Marta*. Rio de Janeiro.
- SILVA, Percy da. Currículo e formação de professores. In: EDUCAÇÃO e discriminação dos negros. Belo Horizonte: Instituto de Recursos Humanos João Pinheiro, 1988. p.65-71.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Além do material bibliográfico acima mencionado, algumas obras foram de extrema importância para o desenvolvimento das idéias apresentadas neste artigo, a saber:

- GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. O silêncio: um ritual pedagógico a favor da discriminação racial - (um estudo acerca da discriminação racial como fator de seletividade na escola pública de primeiro grau - 1ª a 4ª séries). Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 1985. 326p. (Dissertação Mestrado) Bibliografia: p.327-333.
- MELLO, Guiomar Namó de. *Magistério de 1º grau: da competência técnica ao compromisso político*, 9.ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1988. 147p. Bibliografia: p.149-151.
- SAVIANI, Demerval. *Escola e democracia*. São Paulo: Cortez, 1987. 95p. Bibliografia: p.95-96.
- SILVA, Benedicto, coord. *Discriminação*. In: -. *Dicionário de ciências sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986. p.361-362.
- . Raça. In: -. *Dicionário de ciências sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986. p.1020-1021.
- . Racismo. In: -. *Dicionário de ciências sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986. p.1022-1023.
- SOARES, Magda Becker. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1986.95p.